

Tradução Ilustrada: Imagens da História Universal inglesa e de suas edições europeias no século XVIII

Translated Images: The English Universal History and its European Translations in the Eighteenth-Century

André de Melo Araújo

RESUMO

Neste artigo apresentam-se as funções que se pode atribuir às imagens que acompanham – e necessariamente integram – os volumes de uma obra paradigmática da produção historiográfica iluminista, a *Universal History* e suas traduções europeias. Apesar do destaque dado à matéria nas folhas de rosto, a presença do material visual complementar aos cadernos de texto da *Universal History* tem sido parcialmente negligenciada pela crítica. Após analisar as funções do material visual impresso para as edições da série publicadas em língua inglesa, francesa e alemã, neste artigo mostra-se como a importância atribuída às imagens diminui gradualmente nos volumes adicionais da tradução francesa e, especialmente, da tradução alemã. Trata-se do momento em que essas edições expandem suas fronteiras para além daquelas delimitadas pelo projeto original inglês. Os motivos que justificam essa inflexão, sobretudo no caso alemão, resultam de mudanças estruturais no pensamento histórico e no mercado editorial à época do Iluminismo tardio.

PALAVRAS-CHAVE

Imagem, Historiografia iluminista, História universal

ABSTRACT

This article examines the functions that can be attributed to the plates included in the volumes of a paradigmatic work of Enlightenment historiography, namely the *English Universal History* and its European translations. Despite of the importance given to the plates in the title pages of the series, its images have until now received scant attention. Based on the analysis of the functions of the printed visual material for the editions published in English, French and German, this paper shows how the importance of the images gradually declines in the new volumes of the French and the German editions. This shift may be explained by structural changes both in the universal historical thinking and in the editorial market of the German late Enlightenment.

KEYWORDS

Image, Enlightenment Historiography, Universal History

Após passar as páginas nas quais se encontravam breves relatos sobre os mais recentes nascimentos e matrimônios ocorridos na cidade de Londres, os leitores do *The Gentleman's Magazine* poderiam acompanhar a evolução do preço do chá e do cardamomo, bem como se informar sobre os últimos lançamentos do mercado editorial inglês. Na seção dedicada às novidades livrescas, anunciava-se, na edição datada de abril de 1735 desse periódico, que o décimo segundo número da obra *An Universal History from the Earliest Account of Time to the Present* acabara de ser publicado. Com esse número, o primeiro volume da nova História Universal estaria, então, completo, não fosse um acidente de percurso. A situação inesperada e as medidas tomadas pelos editores para corrigir o problema foram assim descritas para o público ilustrado:

A circulação desse número foi adiada por algum tempo, pois tínhamos a pretensão de publicar, com [os cadernos de texto, também] os mapas, as gravuras, etc., mas uma vez que [as imagens] ainda não ficaram prontas [...], elas serão publicadas dentro de mais um mês, juntamente com a folha de rosto da série, o prefácio e o índice, para que possam, então, ser encadernadas com [o texto] do volume.¹

Dezesseis anos após a publicação do anúncio em Londres, em abril de 1751, Michael Mangold, encadernador da corte dos Hohenzollern em Ansbach, na Francônia, escreve uma carta destinada ao "Monsieur [Johann Justinus] Gebauer" (1710-1772), editor "très renom[m]é" na cidade de Halle, na Saxônia.² Já desde 1745, Mangold mantinha correspondência ativa com Gebauer,³ tanto por conta do interesse da corte protestante em uma nova edição dos escritos de Lutero, quanto por causa dos volumes referentes à tradução alemã da obra *An Universal History from the Earliest Account of Time to the Present*, editada por Gebauer. Em abril de 1751, Mangold já deveria ter encadernado o terceiro volume da *Uebersetzung der Allgemeinen Welthistorie* (Tradução da História Universal) (AWH 1). Mas como percebera que deveria inserir entre as páginas impressas uma prancha faltante, escreveu para o editor em Halle, solicitando imediato envio da imagem ausente no lote.⁴ Apenas com todos os cadernos de texto e com as

1. No original: *This number has been delayed for some time upon a presumption that we should have been able to have published the Maps and Cuts etc. with it, but they (through an Accident), not yet being ready, will be published in a month's time, with the general title, preface and index, to bind up with the volume. The Gentleman's Magazine.v. V. London: E. Cave, 1735, p. 223. Todas as traduções foram feitas pelo autor deste artigo.*

2. *Stadtarchiv Halle (SAH), A 6.2.6 Nr. 2418 (Cx. 10), p. 1v.*

3. *SAH, A 6.2.6 Nr. 696a.*

4. *SAH, A 6.2.6 Nr. 2418 (Cx. 10), p. 1r.*

pranchas gravadas, o volume dos Hohenzollern poderia receber a costura e o couro.

Enquanto o anúncio público inglês de 1735 revela o descompasso entre a produção dos cadernos de texto e a impressão das imagens referentes ao primeiro volume de uma nova história universal, as correspondências privadas endereçadas ao editor alemão nas décadas seguintes abrem espaço para verificar falhas individuais na circulação do material traduzido da mesma série. Prova disso é que também outros assinantes e leitores da edição de Gebauer, como Benedict Hermann Holtorff, escrevem ao editor e livreiro com o objetivo de reivindicar o envio das gravuras ausentes. Holtorff relata que em seu exemplar do décimo terceiro volume da série faltavam um mapa e as gravuras referentes à Naumaquia de Domiciano (ou Anfiteatro naval) e ao Circo Máximo.⁵ “Eu não sei quem é o culpado por isso”, afirma Holtorff em 1753. “Entretanto, eu gostaria de solicitar [...] a inclusão [das pranchas faltantes] na remessa futura, referente aos exemplares do 14º volume”.⁶

Em um momento de expansão do mercado editorial europeu,⁷ a importância conferida por editores, encadernadores e leitores à presença de imagens adicionais aos cadernos de texto das histórias universais se reflete na estratégia comercial da Universal History e de suas traduções. As folhas de rosto dos primeiros volumes das edições inglesa, holandesa (HUH 2) e alemã informam a seus leitores que as páginas que seguem são parte integrante, respectivamente, de uma obra ilustrada com mapas, gravuras e tábuas cronológicas; de uma série enriquecida com as figuras e os mapas necessários; ou ainda de uma edição acrescida de novas imagens e mapas.

Apesar do destaque dado à matéria nas folhas de rosto, a presença do material visual complementar aos cadernos de texto da Universal History tem sido parcialmente negligenciada pela crítica.⁸ Ao procurar preencher essa lacuna de pesquisa, neste artigo apresentam-se tanto os modos de produção do material visual, quanto as funções que se pode atribuir às imagens que acompanham – e necessariamente integram – os

5. SAH, A 6.2.6. Nr. 5431 (Cx. 23), p. 1r.

6. No original: “Ich will aber hiermit gehorsamst bitten diesen gedoppelten Defect künfftig bey Übersendung der Exemplarien vom T. XIV. mit beyzulegen.” SAH, A 6.2.6. Nr. 5431 (Cx. 23), p. 1r.

7. Quanto à expansão do mercado editorial europeu ao longo do século XVIII, consulte-se, para os casos inglês e alemão, respectivamente, FEATHER 2007 e WITTMANN 2011.

8. Como exceção à regra, destaquem-se o acertado artigo de Anne-Marie Link (LINK 2006) e o livro de Marcus Conrad sobre a tradução alemã da História Universal inglesa (CONRAD 2010, p. 67-71). Anne-Marie Link igualmente destaca a importância das imagens conferida pelos editores na folha de rosto da publicação (LINK 2006, p. 178).

volumes de uma obra paradigmática da produção historiográfica iluminista.

Tendo em vista esse objetivo, deve-se, em um primeiro passo, analisar as características editoriais da *Universal History* para que se possa, posteriormente, descrever e tipificar o material imagético preparado para a edição inglesa. Ao explorar a interação entre os modos de representação do conhecimento histórico nas páginas impressas da publicação, procurar-se-á, em seguida, compreender como as imagens da *Universal History* foram reconfiguradas localmente por diferentes gravuristas. Dessa forma, pretende-se observar a função que elas cumprem não apenas nos volumes traduzidos, mas também no contexto do mercado editorial iluminista. Após analisar as funções do material visual impresso para as edições da *Universal History* publicadas em língua inglesa, francesa e alemã, este artigo mostra como a importância atribuída às imagens diminui gradualmente nos volumes adicionais das traduções francesa e alemã, especialmente. Trata-se do momento em que essas edições expandem suas fronteiras para além daquelas delimitadas pelo projeto original inglês. Os motivos que justificam tal inflexão serão explorados nas duas últimas seções deste artigo. Nelas, discute-se como as transformações por que passam sobretudo o projeto editorial de Gebauer resultam de mudanças estruturais no pensamento histórico e no mercado editorial à época do Iluminismo tardio.

Informação textual e representação visual na *Universal History*

A edição de uma nova história universal publicada em língua inglesa foi anunciada em periódicos londrinos a partir do ano de 1729 (ABBATTISTA 1985, p. 14). Os esforços financeiros de um conjunto de editores deveriam garantir a produção da série em cinco volumes impressos em formato *in folio*, aos quais foram acrescentados, até novembro de 1744, mais dois volumes. Uma vez que a edição de obras extensas no século XVIII exigia o repesamento inicial de um grande

volume de capital – algo que poderia conduzir editores mais facilmente à falência do que os investimentos em publicações de rápida circulação (Cf. SUAREZ 2009, p. 60) –, implantou-se um sistema de venda de assinaturas para comercialização da *Universal History*. Dessa forma, os editores ingleses procuravam assegurar o financiamento contínuo da produção dos volumes antes mesmo da impressão dos cadernos de texto (ABBATTISTA 2001, p. 102), que, por sua vez, deveriam ser editados mensalmente, ainda que os números iniciais não tenham conseguido obedecer à periodicidade prevista. A despeito dos atrasos frequentes na impressão dos cadernos, o resultado comercial da publicação foi extraordinário: ao longo do século XVIII, a lista de assinantes da *Universal History* é numericamente inferior apenas àquela da Enciclopédia francesa (GRIGGS 2007, p. 228-229).

O sucesso imediato da série pode ainda ser mensurado a partir de outros resultados expressos em termos editoriais. Após a impressão dos sete primeiros volumes *in folio*, completados em 1744, segue-se uma segunda edição dos volumes já existentes (1747), bem como a confecção de 44 novos volumes *in-octavo* e 16 *in folio*, comercializados entre 1759 e 1765 (ABBATTISTA 1985, p. 18-19) com o intuito de ultrapassar a barreira cronológica a que se limita o texto da primeira edição, por sua vez dedicada apenas à história antiga dos povos bíblicos. Some-se a esses números a terceira edição da obra publicada ainda no século XVIII, as inúmeras edições piratas, bem como as diversas traduções da série inglesa que surgem rapidamente em todo o continente europeu. Dentre elas, destacam-se duas edições em língua francesa – a primeira delas publicada em Haia, a partir de 1732, e a segunda editada em Amsterdã e em Leipzig, inicialmente tomando-se por base o texto da publicação holandesa de Haia – e uma edição italiana, impressa em Veneza a partir de 1734.⁹ Pela datação das edições de Haia e de Veneza, percebe-se que as traduções eram feitas no ritmo da comercialização dos cadernos de texto, antes mesmo que os volumes fossem completados, uma vez que o décimo segundo e último número que integra o texto

9. Quanto ao vasto conjunto de traduções da obra inglesa publicado no século XVIII para as mais diversas línguas, consultem-se os seguintes levantamentos: ABBATTISTA 1985, p. 40-42; ABBATTISTA 2001, p. 100-101. Sobre a recepção da *Universal History* no mundo lusófono, considerando-se o contexto editorial cosmopolita do século XVIII e a história da publicação inglesa, consulte-se: RAMOS; ARAÚJO 2015.

do primeiro volume da obra circulou apenas em abril de 1735. Nesse mês, os editores informam à população letrada londrina que o primeiro volume da nova História Universal inglesa estaria completo apenas após a publicação tanto da folha de rosto, do prefácio e do índice, quanto das pranchas com as imagens. Como parte integrante do último conjunto de páginas impressas de cada volume, as folhas de rosto de todos os sete volumes da primeira edição *in folio* da *Universal History* informam aos leitores, retrospectivamente, que o material visual da obra pode ser classificado em mapas, gravuras, tábuas cronológicas e outras tábuas (cf. UH 1). Excluem-se, portanto, dessa tipologia – bem como igualmente da análise feita neste artigo – tanto os frontispícios, quanto os elementos visuais integrados à composição tipográfica do texto, como é o caso das vinhetas e das iniciais capitulares.¹⁰

Integram o material visual encadernado em meio às páginas de texto do primeiro volume da *Universal History* uma tábua genealógica, por meio da qual se apresenta, visualmente, a genealogia dos três filhos de Noé, nove pranchas com gravuras impressas, via de regra, em uma folha de papel de tamanho maior do que aquele das páginas de texto, de modo que as pranchas se encontram dobradas no volume encadernado e cada uma contém, frequentemente, mais de uma imagem, além de sete mapas (UH 1). Inseridas entre as páginas de texto numeradas com algarismos arábicos no primeiro volume, a tábua genealógica e os mapas representam, diagramaticamente, linhagens e territórios. Já as gravuras procuram, sobretudo, ilustrar o conteúdo textual da série. Trata-se ora de perspectivas arquitetônicas e plantas baixas de monumentos, ora de imagens que apresentam visões panorâmicas da paisagem urbana, ou ainda, em um único caso no primeiro volume, representam graficamente a distribuição espacial das doze tribos do antigo povo de Israel.

10. Anna-Marie Link apresenta uma análise competente do frontispício e das vinhetas da edição de Gebauer da *Universal History*. Cf. LINK 2006, p. 179-180.

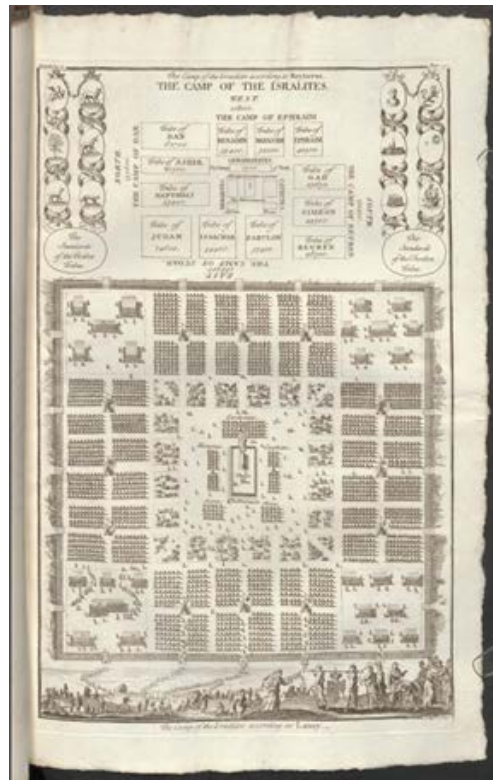


Imagem 1: "The Camp of the Israelites", in: UH 1, p. 550 [Österreichische Nationalbibliothek, ÖNB].

Relacionado a esta imagem, o texto da edição inglesa afirma que

RUBEM liderava [...] [um] destacamento, e seu campo [se localizava] ao sul; a sua tribo consistia em quarenta e seis mil e quinhentos homens, e *Simeão* com cinquenta e nove mil e trezentos, e *Gade*, com quarenta e cinco mil e seiscentos, marchou sob a sua bandeira [...].¹¹

A relação direta entre a informação textual e a representação visual da matéria histórica pode ser estabelecida, nesse caso, ao se destacarem as funções que as pranchas cumprem no conjunto da obra. Note-se, em primeiro lugar, que não há referências explícitas no texto à presença da prancha na série inglesa, de tal forma que se pode inferir que o caminho preferencial de produção da informação impressa na *Universal History* é do texto para a imagem; e não da imagem para o texto. Confirmam essa hipótese os atrasos na impressão das pranchas que justificam a circulação de um número adicional

11. No original: "REUBEN was at the head of the next body, and his camp on the south side; his tribe consisted of forty six thousand five hundred men, and Simeon with fifty nine thousand three hundred, and Gad, with forty five thousand six hundred fifty, marched under his banner; this body consisted of one hundred fifty one thousand four hundred and fifty". Cf. UH 1, p. 547.

ao primeiro volume após a distribuição dos cadernos de texto. No entanto, ao se observar a composição formal da gravura, destaca-se que as indicações de localização espacial das tribos, distribuídas entre as porções norte, sul, leste e oeste do espaço representado visualmente no papel, não obedece à lógica da orientação cartográfica. Por descuido do gravurista ou por dificuldade de composição da imagem, as porções leste e oeste encontram-se trocadas, ainda que a associação nominal aos grupos corresponda à informação textual. Quanto à possível dificuldade enfrentada pelo artista ao compor a imagem, ela pode ter origem no princípio segundo o qual se organiza a distribuição dos volumes no espaço planejado. As dimensões das formas geométricas localizadas na porção superior da gravura procuram representar, visualmente, a proporção numérica dos membros de cada tribo, de tal modo que as áreas maiores das formas impressas no papel indicam – ainda que imperfeitamente, do ponto de vista da escala – a superioridade numérica de um determinado grupo populacional. Assim, o esquema de representação visual das doze tribos dos israelitas acaba por traduzir em linguagem gráfica o conteúdo expresso no texto, sendo essa uma primeira perspectiva de exploração dos atributos morfológicos da imagem: o material visual da *Universal History* procura não apenas ilustrar seus temas, mas também reconfigurar, graficamente, a informação textual. Nesse caso, à imagem pode-se atribuir uma *função cognitiva*, uma vez que da forma de representação visual dos volumes no espaço é dada aos leitores a possibilidade de extrair conhecimento histórico. Já na parte inferior da gravura, as mesmas doze tribos encontram-se apenas distribuídas simetricamente dentro dos limites da área traçada pelo buril na prancha. Frente ao domínio do texto, a imagem cumpre, nesse caso, uma função *predominantemente ilustrativa* dos temas tratados no volume, sendo essa a função que prevalece frente à primeira, ao se observar o conjunto das imagens gravadas para integrar os sete volumes correspondentes à primeira edição da *Universal History*. Com isso, não se procura postular que as pranchas deixam de cumprir, simultaneamente, uma *função ornamental* ou mesmo *comercial* no contexto do

mercado editorial iluminista, como será observado mais à frente neste artigo. Mas é ao identificar o potencial cognitivo e o valor ilustrativo das imagens que se pode explorar a interação entre os modos de representação do conhecimento histórico nas páginas impressas da série inglesa.

Imagens figurativas e lacunas textuais

Considerando-se presença constante do material visual ao longo da publicação, os editores introduziram uma novidade a partir do quarto volume da série, a saber: adicionou-se aos elementos paratextuais da obra um índice nominal das imagens que deveriam ser inseridas entre as páginas de texto. O título do índice – “Contents of the Maps, Cuts, &c.” – expressa a tipologia do material visual impresso à parte de forma mais sintética: os encadernadores devem adicionar aos cadernos de texto sobretudo mapas e gravuras, sabendo-se que os mapas trazem, frequentemente, elementos figurativos da paisagem cartografada representados nos cantos inferiores ou superiores da área impressa. Encadernados no quarto volume, encontram-se dez mapas e quatro gravuras. Aqui, as imagens apresentam elevações arquitetônicas de monumentos e templos, assim como também hábitos pontificais, medalhas e mapas esquemáticos de Roma, com indicação alfabética de referentes geográficos conhecidos pela tradição histórica textual, como é o caso dos montes Palatino e Esquilino. Em uma das gravuras, a informação espacial é distribuída no papel em meio à presença de figuras humanas. Nesse caso, os homens cumprem o objetivo de apresentar aos leitores não um acontecimento histórico do qual, inclusive, eles se encontram deslocados temporalmente, mas o tema desenvolvido no texto das páginas subsequentes: a fundação de Roma.



Imagem 2: "A Second Plan of Rome...", in: UH 4, p. 432 [ÖNB].

A partir da primeira edição do quinto volume da *Universal History* (1740), subdividiu-se o índice das imagens nas duas categorias já anunciadas no volume anterior. De acordo com a "A Table of the Maps in the Fifth Volume" e "A Table of the Cuts in the Fifth Volume", os leitores podem encontrar ao longo das páginas do novo volume seis mapas, com a indicação da página de referência já apresentada no índice, e sete gravuras. Note-se que o último índice não apresenta as páginas de referência das imagens e omite a presença de uma delas. Tais lacunas na informação expressam o descompasso existente entre as etapas de produção dos materiais textual e imagético, de modo que a presença de imagens na obra parece representar – nesse momento da série – mais uma estratégia comercial do editor, do que uma necessidade de ordem cognitiva e deliberadamente expressa pelos autores no corpo do texto.

Veja-se que aos cadernos de texto do sexto volume da *Universal History*, completado no ano de 1742 (UH 6), os editores acrescentaram dois mapas e três gravuras. Nas

pranchas figurativas, encontram-se perspectivas arquitetônicas de monumentos, bem como a representação gráfica tanto de modelos de pilares, quanto do mecanismo de elevação de obeliscos na Antiguidade romana, por sua vez descritos no texto da obra (UH 6, p. 299). Nesse caso, a relação que se estabelece, no interior da série, entre a informação textual e aquela de ordem imagética aponta mais uma vez para preeminência hierárquica do texto sobre a imagem: a gravura em metal obedece à transposição visual da informação textual. No entanto, em um caso raro entre todos os sete volumes da primeira edição da *Universal History*, os autores do último número da série, publicado em 1744 (UH 7), fazem referência direta tanto à descrição verbal de um templo gaulês apresentada em nota, quanto à gravura que acompanha a passagem. Trata-se da única imagem figurativa adicionada ao volume, acompanhado ainda de cinco mapas das regiões abordadas nos cadernos de texto e de três tábuas genealógicas impressas em grande formato. A prancha na qual o templo de Montmorillon encontra-se impresso traz, simultaneamente, seus cortes, perspectiva arquitetônica e planta baixa, bem como a representação das esculturas presentes na fachada. O texto anuncia:

Para um outro relato sobre essas edificações famosas, deveremos remeter nossos leitores ao [texto dos] dois últimos autores citados, uma vez que não poderemos nos alongar muito mais nessa seção. Deveremos nos contentar em apresentar para os leitores uma breve descrição de uma das mais curiosas [dessas edificações] na próxima nota (K) e [na próxima] imagem, por meio das quais se pode ter uma ideia do que foi o gosto *gaulês* na arquitetura.¹²

12. No original: "We shall refer our readers to the two authors last quoted for a further account of those famous edifices, that we may not draw this section into an excessive length, and content ourselves with giving them a short description of one of the most curious of them in the next note (K), and figure, by which they may frame an idea of the Gaulish taste in architecture." UH 7, p. 352-353.

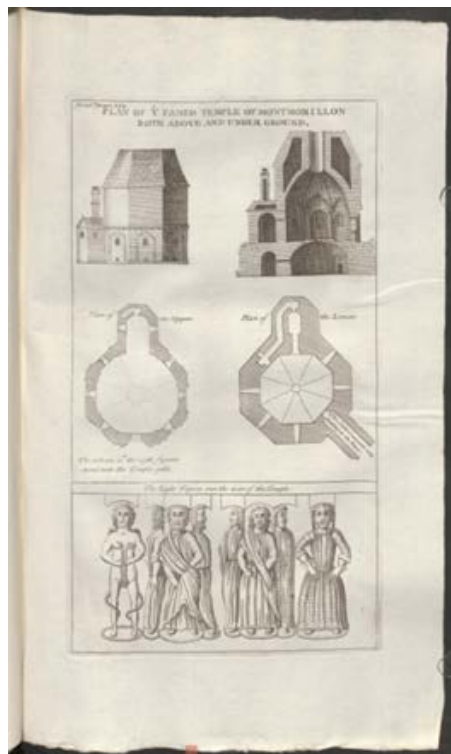


Imagem 3: "Plan of y[e] famed Temple of Montmorillon...", in: *UH* 7, p. 352 [ÖNB].

Nesse caso excepcional em toda a série, a imagem ganha importância, ao suplantando uma lacuna existente no corpo do texto principal, paralelamente sanada pela descrição verbal assinalada em nota – por exemplo, das esculturas presentes na fachada do templo – e pelo acúmulo de informação visual que a prancha apresenta ao dispor, lado a lado, cortes e elevações externas e internas do monumento. É certo que, para além dos mapas e das tábuas genealógicas, as imagens figurativas da *Universal History* podem ser fonte de informação histórica, uma vez que exploram os atributos morfológicos dos volumes gravados pelo buril ou ainda procuram suplantando explícita e intencionalmente eventuais lacunas presentes no texto. Entretanto, esse não é o padrão dominante das funções que as imagens cumprem ao longo da história da publicação inglesa. Com o objetivo de reforçar a definição de tal padrão, procura-se identificar, no próximo passo, os procedimentos adotados no processo de reconfiguração visual das pranchas adicionais da *Universal History* por ocasião da preparação de suas traduções europeias.

A busca pela reconfiguração imagética perfeita

Ao constatar a ausência de uma das pranchas que deveria constar do 13º volume da tradução alemã da *Universal History*, Benedict Hermann Holtorff solicita ao editor Gebauer, como já sabemos, o envio das imagens referentes à Naumaquia de Domiciano e ao Circo Máximo.¹³ Na primeira edição *in folio* da série inglesa, as duas imagens foram impressas em uma única prancha. No canto inferior direito da gravura, identifica-se a autoria da matriz de impressão londrina: *I. [James] Basire sculp[ist]*.



13. SAH, A 6.2.6. Nr. 5431 (Cx. 23), p. 1r.

Imagem 4: "The Great Circus... / Domitian Naumachia", in: UH 5, p. 660 [ÖNB].

Comparando-se essa prancha com as imagens encomendadas para acompanhar o texto das edições publicadas *in-quarto* em língua francesa e alemã, percebem-se algumas diferenças na composição da cena, para além das variações relativas às dimensões do papel e da mancha, à informação

textual e à identificação de autoria. Em primeiro lugar, as novas pranchas apresentam os dois monumentos da Antiguidade em páginas distintas. Além disso, no caso das imagens referentes ao Circo Máximo, tanto a gravura impressa para a edição em língua francesa publicada em Amsterdã e em Leipzig quanto aquela encomendada por Gebauer na Saxônia encontram-se invertidas, tomando-se por referência a composição da imagem inglesa. Desse modo, ganha força a hipótese segundo a qual as imagens produzidas para as traduções francesa e alemã foram replicadas pelo buril a partir de uma gravura já impressa. Em segundo lugar, ao se observar, sobretudo o caso da Naumaquia de Domiciano, pode-se afirmar que os artistas contratados para ilustrar as duas traduções anteriormente identificadas imprimiram mais drama às ações por eles gravadas na chapa metálica com o buril do que James Basire o fizera,¹⁴ ainda que todas elas procurem fazer do leitor um expectador presente das cenas passadas.

14. Cf. HAU 10;
AWH 13.

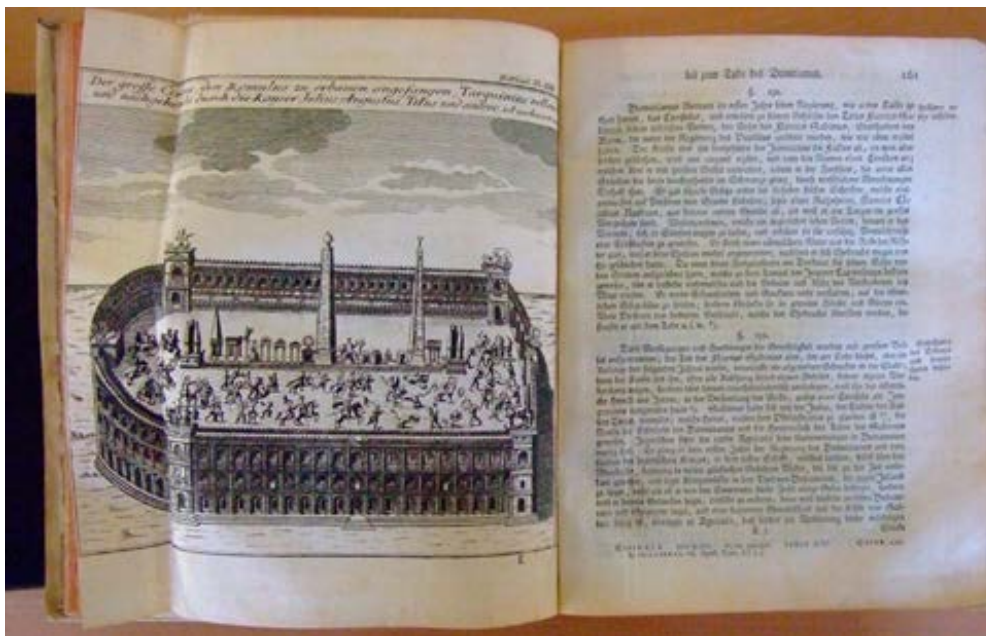


Imagem 5: "Der grosse Circus", in: AWH 13, p. 159.



Imagem 6: "Naumachie de Domitien", in: HUA 10, p. 214.



Imagem 7: "Domitiani Naumachia", in: AWH 13, p. 190.

Partindo dessa primeira situação comparativa, abrem-se dois caminhos possíveis de análise. O primeiro deles é de ordem iconográfica, enquanto que o segundo é predominantemente de natureza bibliográfica.

Nas edições em língua inglesa, francesa e alemã da *Universal History* pode-se identificar a mesma referência imagética que, por sua vez, remonta a uma tradição de representação visual dos monumentos da Antiguidade romana ao longo da

Idade Moderna. Nesse sentido, a imagem do Anfiteatro Naval integrada, por exemplo, à obra *De ludis circensibus* de Onofrio Panvinio, ou ainda aquela inserida entre as páginas da obra *Splendore Dell'Antica e Moderna Roma* de Giacomo Lauro, pertencem claramente à tradição iconográfica a que se pode filiar a gravura de James Basire (PANVINIO 1600, p. 110; LAURO 1641, p. 86r).

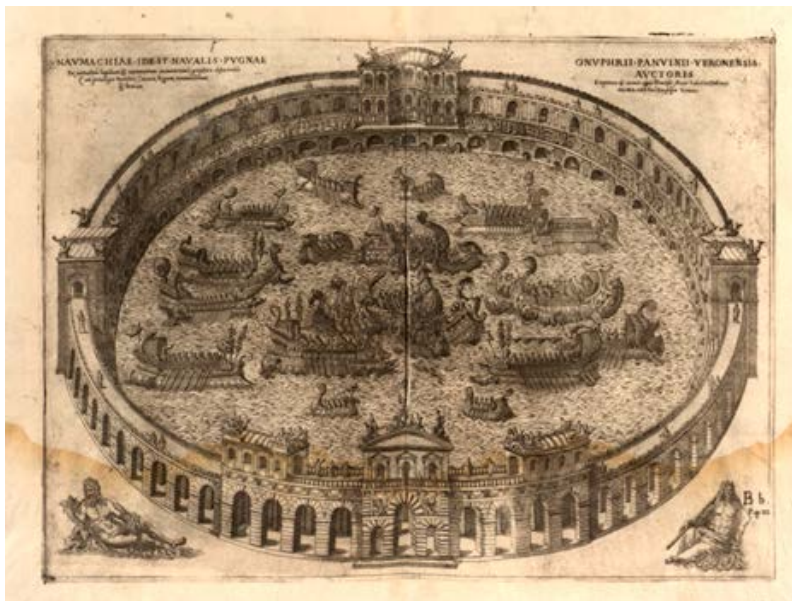


Imagem 8: "Naumachiae...", in: PANVINIO 1600.

É certo que a obra de Panvinio se associa ao início da cultura antiquarianista na Idade Moderna (MILLER 2012, p. 256), cuja tradição iconográfica exerce forte influência na produção das novas pranchas encomendadas para a edição da *Universal History* impressa em Amsterdã e Leipzig, assim como também para a tradução editada por Gebauer, tal como será analisado na próxima seção deste artigo. Mas já no caso da primeira edição *in folio* da série, vale notar que imagens semelhantes àquelas gravadas para ilustrar os volumes da *Universal History* encontram-se impressas em outra série monumental que circulou no início do século: *L'Antiquité expliquée, et représentée en figures*, de Bernard de Montfaucon (MONTFAUCON 1719). Com base em argumentos difundidos por antiquarianistas no início do século XVIII, Montfaucon aceita, inclusive, associações

iconográficas posteriormente identificadas como errôneas.¹⁵ Por enquanto, destaque-se apenas que o caminho analítico que opera com séries documentais dispostas diacronicamente nos informa que a produção de imagens na Idade Moderna se vale frequentemente da reconfiguração de um repertório iconográfico estabelecido ao longo dos séculos, de tal forma que a autoridade da informação visual repousa sobre uma cadeia autorreferente. Nesses casos, o trabalho de composição da imagem não reflete necessariamente o resultado da observação empírica direta dos objetos e monumentos representados.

O segundo caminho de análise abre espaço para se estudar menos as referências iconográficas externas e cronologicamente anteriores à primeira impressão da *Universal History*, e mais as relações visuais internas ao conjunto de edições e traduções da obra inglesa. Essa proposta reflete a escolha metódica deste artigo e não invalida os resultados do primeiro caminho de análise. Assim, ao explorar o caminho comparativo das edições e traduções da *Universal History*, tem-se por objetivo explicitar as funções que as pranchas ocupam em um empreendimento editorial de dimensão europeia.

A replicação das pranchas da primeira edição da *Universal History* é uma marca de diversos projetos editoriais europeus de tradução – por vezes revista e ampliada – da publicação londrina. Dentre as imagens figurativas que integram o primeiro volume da obra inglesa e que se encontram presentes em mais de uma edição europeia, destaca-se, paradigmaticamente, a gravura por meio da qual se representa o templo de Balbeck.

15. Esse é o caso, por exemplo, da relação estabelecida entre as esculturas românicas da capela octagonal do tempo de Montmorillon (cf. Imagem 3) com relíquias druidas, relação reproduzida nas pranchas da *Universal History*. Cf. WOOD 2008, p. 372.



Imagem 9: "The Temple at Balbeck", in: UH 1, p. 366 [ÖNB].

Na edição impressa em língua francesa em 1738 na Holanda, a imagem que representa o mesmo templo surge no primeiro caderno do segundo volume, em função do número mais reduzido de páginas por volume da tradução (HUH 2, p. 6). Nesse caso, a mesma chapa metálica foi utilizada para imprimir a prancha da edição publicada igualmente em língua francesa em Amsterdã e em Leipzig, uma vez que os primeiros volumes desta edição reproduzem não apenas as imagens, mas igualmente o texto da tradução de Haia.

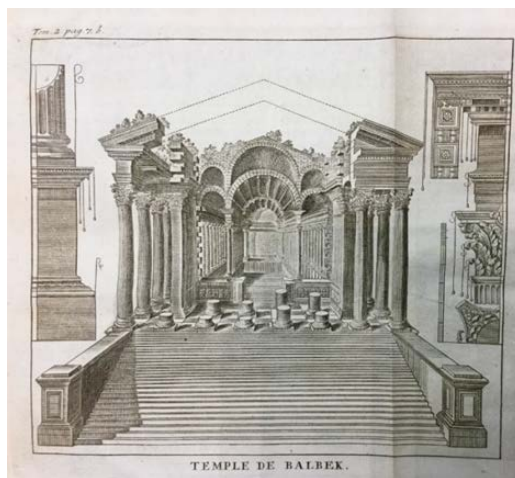


Imagem 10: "Temple de Balbek", in: HUA 2, p. 6.

Já na publicação alemã, que toma por base não apenas o texto e as imagens da *Universal History*, mas também aqueles da edição holandesa, o segundo volume comercializado por Gebauer em 1745 anuncia, no índice de gravuras, a presença de uma imagem do templo de Balbeck.



Imagem 11: "Tempel zu Balbeck", in: AWH 2, p. 152.

As gravuras em metal encomendadas para figurar nas edições em língua inglesa (1735), francesa (1738/1742) e alemã (1745) são, à primeira vista, idênticas. No entanto, para além das dimensões da imagem impressa e das indicações textuais, pequenas diferenças identificadas nos traços do buril provam que se trata de imagens compostas por três gravadores distintos. Os artistas contratados para produzir as pranchas das edições holandesa e alemã tinham claramente por objetivo apresentar uma reconfiguração perfeita da imagem inicialmente gravada por J. Mynde, o qual, por sua vez tivera por referência uma das pranchas presentes na obra *L'Antiquité expliquée, et représentée en figures*, de Bernard de Montfaucon, assim como também já fora o caso, pelo menos, das imagens referentes à Naumaquia de Domiciano e ao Circo Máximo.¹⁶

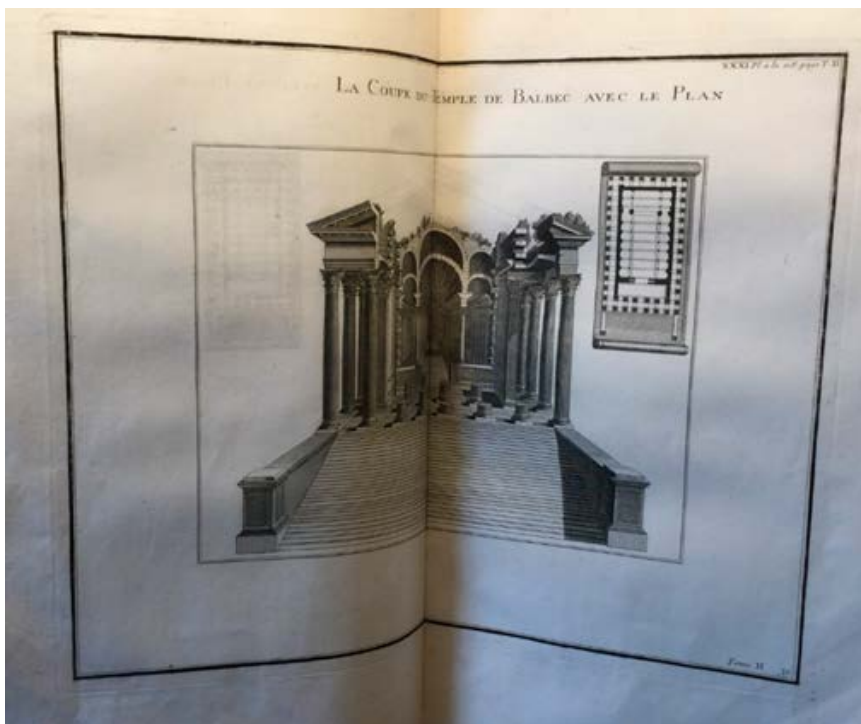


Imagem 12: "La Coupe du Temple de Balbec avec le Plan", in: MONTFAUCON 1719, v. 2, Parte 1, Prancha XXXI.

No entanto, ao se explorar as relações visuais internas ao conjunto de edições da obra inglesa, destaca-se que esse princípio de produção das imagens gravadas para as traduções da *Universal History* confirma-se em diversos casos, como nas pranchas por meio das quais a curiosidade dos leitores

16. Há diferenças significativas entre as imagens publicadas na obra de Montfaucon e aquelas impressas na *Universal History*. *Modificações* também ocorrem na representação do tempo de Balbeck, uma vez que a prancha da *Universal History* acrescenta detalhes dos pilares presentes em uma prancha anterior do título *L'Antiquité expliquée, et représentée en figures*. Cf. MONTFAUCON 1719, v. 3, Parte 2, Pranchas CLIX (Circo Máximo) e CLXXIV (Naumaquia de Domiciano). A partir da obra de Montfaucon, o gravador da *Universal History* conjuga elevações distintas do monumento em uma única imagem que, por sua vez, passa a ser copiada pelos gravuristas das traduções europeias.

é apresentada, visualmente, às pirâmides do Egito. Após uma comparação sistemática entre as pranchas inglesa, holandesa e alemã, identificam-se, também nesse caso, pequenas diferenças em meio ao mesmo esquema representativo (cf. UH 1, p. 192; HUA 1, p. 338; AWH 1, p. 390).

Diferentemente do que ocorre no estudo iconográfico, à perspectiva bibliográfica de comparação das pranchas da *Universal History* e de suas traduções não tem por objetivo principal analisar em diacronia o repertório visual de uma série de imagens alinhada ao fenômeno europeu de exploração e difusão visual do mundo antigo (cf. ARNOLD; BENDING 2003). A partir da disposição diacrônica do material, interessa sobretudo identificar os traços que denotam a busca pela identidade estrutural perfeita de um projeto editorial cosmopolita de difusão do conhecimento.¹⁷ Assim, uma das funções precípuas das pranchas que acompanham as edições da *Universal History* é ampliar o interesse do público ilustrado europeu por uma nova história universal e garantir, também no caso de suas traduções, a identidade visual de toda a série. No entanto, também essa função deve ser posta à prova na próxima seção deste artigo, que focaliza não apenas as semelhanças, mas, sobretudo, as diferenças entre as edições comercializadas no século XVIII, como traduções cuidadosamente revisadas, ampliadas e acrescidas de novas gravuras e mapas.

17. Fania Oz-Salzberger define as práticas de tradução no século das Luzes como a ferramenta de um novo Iluminismo cosmopolita. Cf. OZ-SALZBERGER 2014, p. 50. Destaque-se, ainda, o estudo pioneiro de Anne-Marie Link (LINK 2006) que analisa o material visual da edição alemã da *Universal History* como parte integrante de um projeto cosmopolita de tradução e expansão editorial da obra inglesa.

Prova material na edição alemã da *Universal History*

A primeira folha de rosto composta para a edição alemã da *Universal History* apresenta o resultado do novo empreendimento editorial de Gebauer como uma tradução da obra inglesa. Todavia, ainda se informa na mesma página impressa que a edição alemã tanto segue acompanhada das notas originalmente preparadas para a edição holandesa, quanto fora acrescida de novas gravuras e mapas (AWH 1). Dentre elas, destaca-se a imagem na qual se indica, com o auxílio gráfico de uma escala espacial numérica, a localização

de monumentos, por exemplo, em solo egípcio.¹⁸ Eis que a planta situacional encomendada por Gebauer para o primeiro volume da *Uebersetzung der Allgemeinen Welthistorie* – sem correspondência com as imagens gravadas para as edições em língua inglesa e francesa – faz alusão explícita à situação arqueológica presente do monumento, bem como às técnicas de mensuração e de representação da orientação cartográfica das construções no espaço. Desse modo, a disposição dos volumes na prancha destaca a condição presente dos vestígios do passado – em detrimento da revivificação de cenas e monumentos pretéritos frente aos olhos do leitor – e procura dimensioná-los com precisão científica. Esse modo de configuração gráfica da informação no papel caracteriza, segundo Anne-Marie Link, o estilo documentário das gravuras impressas para a edição de Gebauer; estilo que se contrapõe às características formais das imagens as quais apresentam uma visão cênica dos monumentos do passado (LINK 2006, p. 185-186).

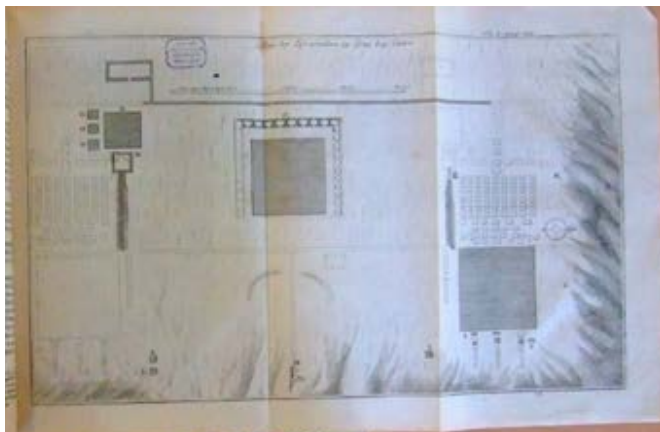


Imagem 13: "Plan der Pyramiden zu Gize bei Cairo", in: AWH 1, p. 592.

Ao se observar as novas pranchas encomendadas por Gebauer para a tradução alemã, verifica-se a importância crescente dada à reprodução gráfica tanto de fontes textuais da pesquisa histórica, quanto também daquelas de ordem material.¹⁹ Sobretudo para os casos em que a documentação escrita era escassa ou de difícil decifração, destaca-se, na

18. Note-se, por exemplo, que na representação das pirâmides egípcias na obra de Montfaucon não se adota o uso de uma escala espacial. Cf. MONTFAUCON, 1719, v. 5, Parte 2, Prancha CXXXIV.

19. A ênfase na evidência material no contexto de "criação de um currículo para as ciências auxiliares da história (historische Hilfswissenschaften)" tem sido recentemente abordada pela historiografia, conferindo-se destaque ao trabalho de Johann Christoph Gatterer. Cf. MILLER 2012, p. 245.

pesquisa histórica da Antiguidade, a condição material de monumentos e artefatos de culturas pretéritas.²⁰ Desse modo, referências visuais explícitas a fontes materiais da pesquisa histórica encontram-se distribuídas ao longo dos volumes editados por Gebauer. Esse é o caso, por exemplo, de uma prancha exclusiva da tradução alemã e por meio da qual se reproduz objetos encontrados em escavações – objetos referenciados no texto do décimo sétimo volume da *Uebersetzung der Allgemeinen Welthistorie* e identificados, individualmente, por meio dos números arábicos que constam da legenda inserida imediatamente abaixo do índice das imagens.

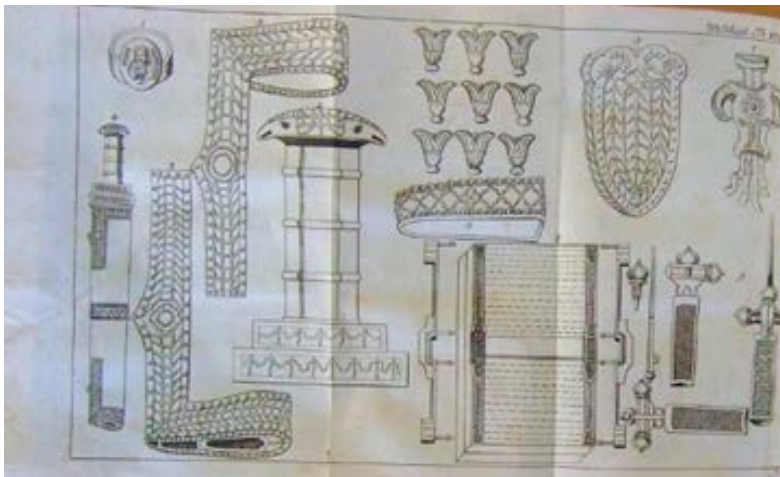


Imagem 14: (sem título), in: AWH 17, p. 434.

As diferenças entre as traduções da série inglesa não se verificam apenas nas ampliações e correções do texto, mas também na reprodução ou na produção das imagens. A publicação impressa em Amsterdã e em Leipzig, em língua francesa, apresenta gravuras adicionais de divindades adoradas pelos gauleses ou de templos relacionados à história dos povos árabes (cf. HUA 13; 16). Para diferenciar a tradução alemã das diversas edições da *Universal History* já disponíveis no mercado de livros do século XVIII, Gebauer introduz duas novidades ao índice das imagens a partir do quarto volume da série germânica, publicado em 1746, a saber: a presença de um asterisco com o qual sinalizam-se as gravuras inéditas, e a adição de um novo tipo de imagem, qual seja, a reprodução de textos epigráficos.

20. Nesse sentido, consulte-se o estudo de Peter Burke sobre o movimento antiquário europeu ao longo da Idade Moderna. Cf. BURKE 2003, p. 283-286. Cf. também: SILVEIRA 2016, p. 59 e 66.

As imagens inéditas procuravam reproduzir visualmente, nas novas pranchas gravadas em metal, inscrições deixadas por povos da Antiguidade. Desse modo, a ênfase à condição material de textos do passado estimulada pelas práticas antiquarianistas (Cf. LALLA 2003, p. 12) também ganha espaço nas novas imagens da série. A esse grupo de imagens, somam-se ainda as inscrições presentes em moedas que já ilustravam as edições inglesa e holandesa da *Universal History*. Ainda que a ênfase na realidade material do passado possa encontrar forte apoio na documentação textual,²¹ as pranchas adicionais da série alemã revelam diferenças significativas quanto à natureza da informação visual apresentada àqueles interessados na leitura de uma nova história universal. Tais diferenças sinalizam a influência simultânea tanto de práticas antiquarianistas que conferem valor crescente ao testemunho das imagens (cf. BURKE 2003, p. 279), quanto do método histórico na representação visual da matéria histórica. E uma vez que os volumes da *Uebersetzung der Allgemeinen Welthistorie* conferem importância crescente à condição de prova material das fontes documentais da história universal, opõem-se, frente ao conjunto das pranchas impressas para a edição alemã, (1) as imagens que ilustram o tema a ser desenvolvido nos volumes e não foram objeto da crítica histórica por que passara o texto nas edições traduzidas e (2) aquelas compostas com o objetivo de apresentar visualmente a condição material do objeto retratado, de modo a funcionar, aos olhos do leitor, como evidência para o discurso histórico.²² Observando-se tal oposição, pode-se acompanhar a mudança de funções associadas ao material visual gravado especialmente para a edição de Gebauer. Com o objetivo de destacar as funções que essas imagens cumprem no pensamento histórico universal e no mercado livresco à época das Luzes, na última seção deste artigo exploram-se os dois pontos de inflexão na história editorial de uma tradução ilustrada.

Funções das imagens na *Universal History* e na *Uebersetzung der Allgemeinen Welthistorie*

Ao final da década de 1750, os leitores da *Uebersetzung der Allgemeinen Welthistorie* podiam constatar uma dupla

21. Consulte-se a análise apresentada por Peter Miller da obra de Rosinus. Cf. MILLER 2012, p. 256.

22. Trata-se, nesse caso, da representação visual da evidência material, e não da evidência associada à tradição retórica. Sobre o conceito de evidência, consulte-se: MÜLLER 2007.

mudança assinalada na folha de rosto da série alemã. Em primeiro lugar, a coordenação da tradução do décimo nono volume da obra, comercializado em 1759, não trazia mais a assinatura do professor de teologia em Halle Siegmund Jacob Baumgarten, mas aquela de seu aluno Johann Salomo Semler (AWH 19). Enquanto que a morte de Baumgarten impusera ao editor uma mudança inevitável na condução dos trabalhos de tradução da *Universal History*, uma segunda transformação se aliava, simultaneamente, à primeira: ao recompor a folha de rosto da série, Gebauer deixa de anunciar a presença das pranchas gravadas para a publicação. Sintomaticamente, as informações editoriais impressas referentes a aspectos do tratamento verbal e da representação visual do conhecimento histórico se modificam, ao mesmo tempo, no momento que marca o primeiro ponto de inflexão na história editorial da *Uebersetzung der Allgemeinen Welthistorie*.

O momento de publicação da tradução alemã que antecede a coordenação de Semler é aqui identificado como a primeira fase da história da edição de Gebauer, caracterizada pela presença de um número comparativamente alto de pranchas. Em termos quantitativos, essa característica pode ser verificada no gráfico, reproduzido a seguir, que apresenta o número de pranchas com imagens adicionais impressas na *Uebersetzung der Allgemeinen Welthistorie* ao longo dos anos.

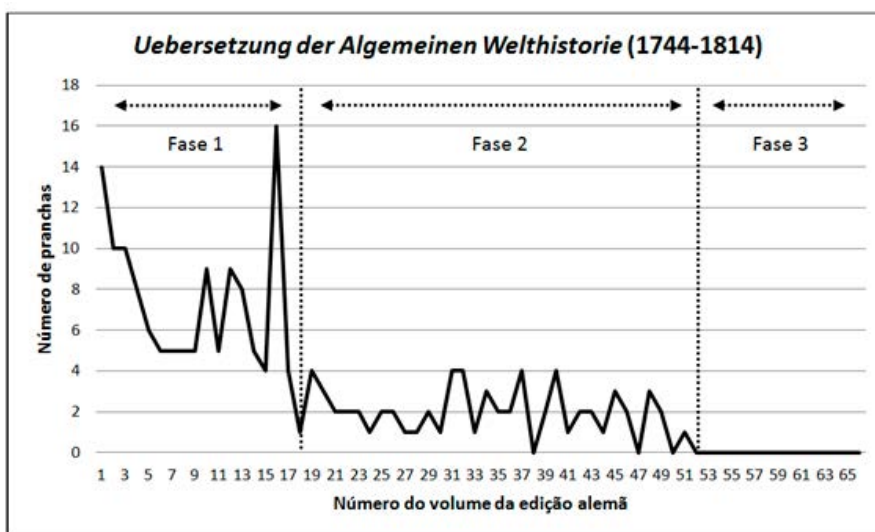


Imagem 15: Número de pranchas com imagens adicionais produzidas para acompanhar os volumes da *Uebersetzung der Allgemeinen Welthistorie* (1744-1814).

No gráfico, destaca-se não apenas a diminuição do número de pranchas que integram os volumes da tradução alemã publicados após a morte de Baumgarten, mas também uma segunda fase de retração igualmente relacionada à presença das imagens. Esse segundo momento de reorganização do texto e das imagens da série resulta de fortes críticas feitas à publicação, sobretudo por professores de história ligados à Universidade de Göttingen – importante centro universitário de nova fundação no Sacro Império Romano Germânico. Entre os professores de história em Göttingen, defendia-se a tese segundo a qual as obras de história universal deveriam se apoiar no tratamento metódico de crítica das fontes e apresentar uma narrativa sintética, em detrimento do procedimento narrativo que simplesmente agrega informações de modo desconectado (cf. PETERS 2005, p. 113). Nesse sentido, ao mesmo tempo em que considerava a edição de Gebauer como “uma das mais importantes e valiosas obras do [...] século”, o catedrático de História em Göttingen, Johann Christoph Gatterer, definia a *Universal History* como “um *arquivo histórico* geral”, como “um *Corpus historicum* que pode ser útil não apenas para leitura, mas sobretudo para consulta.”²³ A utilidade “sobretudo para consulta” da obra histórica destaca o caráter aglutinador – e não sintético – de sua narrativa. Note-se, nesse momento da história da edição de Gebauer, a inexistência de pranchas com imagens predominantemente figurativas. Assim, as transformações por que passam não apenas o texto, mas também as imagens da *Universal History* e de suas traduções europeias apresentam sinais inequívocos de mudanças estruturais relativas ao método e aos modos de representação do conhecimento histórico iluminista. E é ao sistematizar as funções que as imagens cumprem ao longo da história da publicação que essas mudanças estruturais ganham contornos mais nítidos.

Nas pranchas adicionais originalmente gravadas para a *Universal History*, predomina claramente a *função ilustrativa*. Ao apresentar visualmente o tema desenvolvido nas páginas de texto da publicação seriada, tanto as imagens produzidas

23. “J. C. Gatterer vom *historischen Plan...*”, *Allgemeine historische Bibliothek*, v. 1. Halle: Gebauer, 1767, p. 15-89, p. 68: “[...] es ist ein *allgemeines historisches Archiv*, ein *Corpus historicum*, das man nicht sowol zum Lesen, als vielmehr zum Nachschlagen mit Nutzen gebrauchen kann.”

para a primeira edição *in folio* inglesa, quanto aquelas que resultam da recomposição gráfica das pranchas originais feitas para as traduções europeias da obra – as réplicas –, cumprem essencialmente essa função. No entanto, uma vez que as funções que se pode atribuir às imagens integrantes dos volumes da publicação não são necessariamente excludentes, é certo que se pode identificar nas mesmas pranchas uma *função ornamental*, à qual ainda se pode associar uma *função comercial*. Todavia, dois grupos de imagens divergem do padrão dominante. Do primeiro grupo fazem parte as raras pranchas que não se encontram subordinadas à hegemonia da informação textual no conjunto da *Universal History*, sendo capazes de veicular, por meio dos atributos morfológicos da imagem, informação histórica não apenas referente à época em que foram produzidas, mas também àquela a que o volume se dedica. Nessa mesma linha, destacam-se as gravuras que fazem parte do segundo grupo de imagens divergentes do padrão dominante, o qual é, por sua vez, composto pelas pranchas que resultam das práticas de tradução revista e ampliada dos conteúdos textual e visual da série. O material visual produzido adicionalmente para a *Histoire Universelle* e, destacadamente, para a *Uebersetzung der Allgemeinen Welthistorie* encontra afinidade tanto com o repertório iconográfico associado às práticas antiquarianistas, quanto com os procedimentos da pesquisa documental balizada pelo método histórico-crítico. Assim, esse conjunto de imagens confere valor à condição material presente da documentação do passado, de forma a funcionar como evidência para o modo de representação textual do conhecimento histórico.

As transformações pelas quais o discurso histórico universal passa ao longo da segunda metade do século XVIII devem ser estudadas, portanto, não apenas considerando-se o texto, mas também as imagens que integram os volumes comercializados no período. Se, na primeira fase da história da publicação da *Uebersetzung der Allgemeinen Welthistorie*, tal como identificada no gráfico reproduzido anteriormente neste artigo, havia uma dupla preocupação editorial de, por um lado, promover a identidade visual da série e, por outro,

marcar as gravuras inéditas da nova tradução, a presença comparativamente alta de pranchas impressas responde a essa dupla demanda. Uma vez que a edição de Gebauer – assim como também é o caso da edição em língua francesa publicada em Leipzig e em Amsterdã – deixa de se apresentar como uma tradução da *Universal History* e passa a responder às críticas feitas à publicação, a profusão de imagens predominante ilustrativas perde, parcialmente, importância. Isso se explica, na verdade, pela conjunção de quatro fatores.

É certo que a diminuição – ou a completa eliminação – das pranchas impressas à parte tem um impacto significativo no custo geral de produção dos volumes impressos, por sua vez relegados, ao longo das últimas décadas do século XVIII, à condição de obras destinadas sobretudo à consulta. Diversas são as correspondências comerciais conservadas no arquivo da editora referentes aos custos de produção e impressão das pranchas adicionais da *Uebersetzung der Allgemeinen Welthistorie*. Entretanto, para além de (1) questões de ordem econômica, a função predominantemente ilustrativa desempenhada pelo material visual da publicação não responde a uma transformação mais profunda tanto do pensamento histórico universal, quanto do mercado editorial do Iluminismo tardio. Séries extensas, com volumes dedicados às particularidades desconectadas das histórias locais, deixam de ser prioritárias no período, de tal forma que o principal desafio historiográfico se desloca, nesse momento, da ilustração curiosa de um mundo distante e parcialmente desconhecido dos leitores (cf. CONRAD 2010, p. 183), para o presente conectado de um sistema das nações.

Sendo um sistema algo de difícil representação figurativa, registram-se, para além dos volumes da *Uebersetzung der Allgemeinen Welthistorie*, uma série de tentativas de autores ligados à Universidade de Göttingen de representar, visualmente, a sincronia de um sistema das nações.²⁴ A linguagem visual desse esforço é fortemente diagramática, de modo que as representações figurativas perdem espaço. Além

24. Dentre as tentativas de representação de um sistema sincrônico das nações, destacam-se aqueles propostos por Johann Christoph Gatterer e por August Ludwig Schlözer, ambos colaboradores da série editada por Gebauer. Sobre essas tentativas, consulte-se ARAÚJO 2015b.

disso, do ponto de vista da história do conhecimento, as décadas finais de publicação da ampliação alemã da *Universal History* se veem igualmente marcadas pela (2) crescente atomização da cultura acadêmica em disciplinas especializadas, de forma que a observação etnográfica e as práticas arqueológicas se acomodam em campos disciplinares com contornos mais precisos. O objeto do conhecimento histórico universal perde, portanto, parte de seu potencial figurativo quando (3) desloca seu foco da observação para a conexão sistemática de unidades políticas (cf. ARAÚJO 2012, p. 216-218). Os gravadores, no entanto, ocupavam-se no mercado editorial alemão com a demanda crescente por dramas literários ilustrados nas últimas décadas do século XVIII e nas primeiras décadas do século XIX, período durante o qual a procura por imagens gravadas com o objetivo de acompanhar o texto histórico acadêmico diminuiu sensivelmente (MAURER 2013, p. 116), como se verifica na história da edição de Gebauer. Nota-se, nesse momento, (4) uma mudança de paradigma estético das obras acadêmicas impressas, uma vez que autores, editores e impressores procuram aproximá-las, visualmente, da simplicidade clássica (cf. KILLIUS 1999, p. 234). Assim, as traduções ilustradas da *Universal History* e, em particular, o caso da *Uebersetzung der Allgemeinen Welthistorie*, são uma expressão significativa da forma por meio da qual os parâmetros epistemológicos e os modos de representação e apresentação visual do conhecimento histórico iluminista se integram na página impressa. É essa integração que se configura como objeto de estudo privilegiado da história da historiografia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBATTISTA, Guido. The Business of Paternoster Row: Towards a Publishing History of the 'Universal History' (1736-65). **Publishing History**, n. 17, p. 5-50, 1985.

_____. Un dibattito settecentesco sulla storia universale (Ricerche sulle traduzioni e sulla circolazione

della Universal History). **Rivista Storica Italiana**. Anno CI, Fascicolo III. Napoli: Edizioni scientifiche italiane, p. 614-695, 1989.

_____. The English Universal History: Publishing, Authorship and Historiography in an European Project (1736-1790). **Storia della Storiografia**, n. 39, p. 100-105, 2001.

ARAÚJO, André de Melo. **Weltgeschichte in Göttingen: Eine Studie über das spätaufklärerische universalhistorische Denken, 1756-1815**. Bielefeld: transcript, 2012.

_____. A verdade da crítica. O método histórico-crítico de August Ludwig (von) Schlözer e o padrão histórico dos juízos. **História da Historiografia**, n. 18, p.93-109, 2015a.

_____. Imagens da simultaneidade e os impasses da narrativa. O caso da Synopsis historiae universalis (1766) de Johann Christoph Gatterer. **Tempo**, v. 21, n. 38, p. 1-24, 2015b.

ARNOLD, Dana; BENDING, Stephen. Introduction. Tracing Architecture: the aesthetics of antiquarianism. In: _____. (eds.). **Tracing Architecture: The Aesthetics of Antiquarianism**. Malden: Blackwell, 2003, p. 1-10.

AWH – **Uebersetzung der Allgemeinen Welthistorie**. Halle: J. J. Gebauer, 1744-1814.

BURKE, Peter. Images as Evidence in Seventeenth-Century Europe. **Journal of the History of Ideas**.v. 64, n. 2, p. 273-296, 2003.

CONRAD, Marcus. **Geschichte(n) und Geschäfte: Die Publikation der 'Allgemeinen Welthistorie' im Verlag Gebauer in Halle (1744-1814)**. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2010.

FEATHER, John. The British Book Market, 1600-1800. In: ELIOT, Simon; ROSE, Jonathan (eds.). **A Companion to**

the History of the Book. Malden: Blackwell, 2007, p. 232-246.

GRIGGS, Tamara. Universal History from Counter-Reformation to Enlightenment. **Modern Intellectual History**, n. 4,v. 2, p. 219-247, 2007.

HUA – **Histoire Universelle depuis le commencement du monde jusqu'à present.** A Amsterdam et A Leipzig. Arkstée et Merkus, 1747.

HUH – **Histoire Universelle, depuis le commencement du monde, jusqu'a présent.** A la Haye: Adrien Moetjens, 1738.

KILLIUS, Christina. **Die Antiqua-Fraktur Debatte um 1800 und ihre historische Herleitung.** Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 1999.

LALLA, Maria Grazia. Monuments and Texts: Antiquarianism and the beauty of antiquity. In: ARNOLD, Dana; BENDING, Stephen (eds.). **Tracing Architecture: The Aesthetics of Antiquarianism.** Malden: Blackwell, 2003, p. 11-29.

LAURO, Giacomo. **Splendore Dell'Antica E Moderna Roma...** Fei: Roma, 1641.

LINK, Anne-Marie. Engraved Images, the Visualization of the Past, and Eighteenth-Century Universal History. **Lumen**,v. 25, p. 175-195, 2006.

MAURER, Kathrin. **Visualizing the Past: The Power of Image in the German Historicism.** Berlin/Boston: Walter de Gruyter, 2013.

MILLER, Peter N. Major Trends in European Antiquarianism, Petrarch to Peiresc. In: RABASA, José; SATO, Masayuki; TORTAROLO, Edoardo; WOOLF, Daniel (orgs.). **The Oxford History of Historical Writing**.v. 3: 1400-1800. Oxford: Oxford University Press, 2012, p. 244-260.

MONTFAUCON, Bernard de. **L'antiquité expliquée et**

representée em figures. A Paris: F. Delaulne..., 1719.

MÜLLER, Jan-Dirk. Evidentia und Medialität. Zur Ausdifferenzierung von Evidenz in der Frühen Neuzeit. In: WIMBÖCK, Gabriele; LEONHARD, Karin; FRIEDRICH, Markus (orgs.). **Evidentia: Reichweiten visueller Wahrnehmung in der Frühen Neuzeit.** Münster: LIT Verlag, 2007, p. 59-84.

OZ-SALZBERGER, Fania. Enlightenment, National Enlightenment, and Translation. In: GARRETT, Aaron (ed.). **The Routledge Companion to Eighteenth Century Philosophy.** London/New York: Routledge, 2014, p. 31-61.

PANVINIO, Onofrio. **Onuphrii Panvini Veronensis, De ludis circensibus, libri II.** Venetiis: J.B. Ciottum Cenensem, 1600.

PETERS, Martin. **Altes Reich und Europa: Der Historiker, Statistiker und Publizist August Ludwig (v.) Schlözer (1735-1809).** 2ª ed. Münster: LIT Verlag, 2005.

RAMOS, André; ARAÚJO, Valdeci Lopes de. A emergência de um ponto de vista cosmopolita: a experiência da História de Portugal na Universal History. **Almanack**, n. 10, p. 479-491, 2015.

SILVEIRA, Pedro Telles da. "Na mais ilustre de todas as cidades, tão miserável tipografia": antiquariato, imprensa e epigrafia a partir de André de Resende (c. 1500-1573). **História da Historiografia**, n. 21, p. 55-76, 2016.

SUAREZ, S.J, Michael F. Towards a bibliometric analysis of the surviving record, 1701-1800. In: SUAREZ, S. J., Michael F; TURNER, Michael L. (orgs.). **The Cambridge History of the Book in Britain.** Volume V: 1695-1830. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p. 39-65.

UH – **An Universal History, from the Earliest Account of Time to the Present.** London: E. Symon, T. Osborne, J. Wood, and J. Crockatt, 1740.

WITTMANN, Reinhard. **Geschichte des deutschen Buchhandels**. 3ª ed. München: Beck, 2011.

WOOD, Christopher. Notation and visual information in the earliest archeological scholarship. **Word & Image**, v. 17, n. 1 & 2, p. 94-118, 2001.

_____. **Forgery, Replica, Fiction. Temporalities of German Renaissance Art**. Chicago/London: University of Chicago Press, 2008.

AGRADECIMENTOS E INFORMAÇÕES

André de Melo Araújo

andaraujo@unb.br
Universidade de Brasília
Departamento de História
Campus Universitário Darcy Ribeiro
70910-900 - Brasília – Distrito Federal / Brasil

O autor agradece à FAPDF (0193.001272/2016) e ao CNPq pelo apoio para realização desta pesquisa, bem como a Guido Abbattista e a Rodrigo Bentes Monteiro pela leitura atenta do manuscrito.

RECEBIDO EM 31/03/2017 | APROVADO EM 24/01/2018